

CEP – Centro de Estudos Psicanalíticos
Rosely Teixeira Gomes
Ciclo II

Narcisismo e paixão

São Paulo, 22 de outubro de 2014

1 Introdução

No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. (Freud, 1930/1987, p. 75)

Perceber e aceitar a separação entre o eu e o mundo externo, ou entre sujeito e objeto libidinal, são tarefas árduas que fazem parte do caminho de desenvolvimento pelo qual o ego passa, se conseguir realizar satisfatoriamente o que é dele esperado. No entanto, na patologia ou no enamoramento, existe a tendência ao retorno a um estágio paradisíaco no qual, em vez de separação, havia a união. Era assim com o bebê recém-nascido e sua mãe. Era assim, mais ainda, na vida intrauterina.

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930/1987), Sigmund Freud se vê diante da indagação de um amigo que havia lido *O Futuro de uma Ilusão* (1927), e se referia ao “sentimento oceânico” proveniente da unidade com o universo, ou da união mística com o divino. Descreve-o também como uma “sensação de eternidade”, de falta de fronteiras, que não seria artigo de fé, mas um fato subjetivo.

Revelando não ter ele próprio tido tal experiência, Freud a articula com o desenvolvimento do ego. Na perspectiva do bebê recém-nascido, ele é o mundo inteiro. A vida se encarregará de mostrar ao bebê que ele não é o centro dela, mas o desejo de restaurar tal unidade pode persistir no indivíduo adulto, em maior ou menor grau.

O ego desenvolvido “aparece como autônomo e unitário, distintamente demarcado de tudo o mais” (FREUD, 1930/1987, p. 74), embora, interiormente, não tenha fronteiras rigidamente definidas com o inconsciente. Há um único estado não patológico em que o ego não se apresenta dessa maneira, segundo Freud: no auge do sentimento de amor. Em outras palavras, na paixão. É aí que o sujeito praticamente não distingue a fronteira entre si mesmo e o outro, entre seu ego e o objeto, e é sobre esse ponto que este trabalho se desenvolverá.

2 O eu e o mundo: da união total à separação

O recém-nascido não reconhece fronteiras entre ele próprio (seu corpo) e o mundo externo, e seu ego é indiferenciado do id, onde reina o princípio do prazer. Trata-se do estágio do autoerotismo. Entretanto, “o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo” (FREUD, 1923/2011, p.31).

Essa modificação e posterior distinção entre o bebê e o mundo externo tem início quando o primeiro começa a se dar conta de que as fontes de excitação que o inundam provêm tanto de seu corpo como do que não é seu corpo – do corpo da mãe, por exemplo. Ele percebe essa diferença quando o seio que ele pensava ser dele – ou “ele” – não surge de imediato para aplacar sua angústia, mas tarda um pouco, aparecendo mediante seu choro desesperado.

À medida que é frustrado em suas exigências, o bebê começa, então, a compreender que existe um mundo fora dele. Evitando o desprazer do choque com o mundo, cria um ego em busca de prazer (FREUD, 1930/1987). Dessa maneira, o que é prazer vem do ego; o desprazer provém do mundo externo. Esse é ainda um ego rudimentar, que será retificado pela experiência.

Mais do que isso, como aponta Bleichmar (1987), à medida que se percebe amado condicionalmente, isto é, que certos comportamentos agradam e outros desagradam à mãe e àqueles que o circundam, passa a distinguir com mais nitidez o eu do não-eu. Assim, conforme as frustrações se sucedem, e na intensidade que o psiquismo dela possa assimilá-las, o princípio de realidade vai se estruturando na criança, substituindo, em maior ou menor grau, o princípio do prazer.

Mas, antes que se perceba amada apenas condicionalmente, a criança se sente a perfeição aos olhos da mãe ou da figura que a substitui. Na realidade, essa perfeição é-lhe atribuída pelos próprios pais, que também não veem o que há de desagradável no filho de início. Nesse estágio, ele é, como Freud assinala em *Sobre o Narcisismo, uma Introdução* (1914/1974), “Sua Majestade, o Bebê”.

É a fase em que a criança se identifica com o próprio eu, porque ele é objeto do amor dos pais. Além de ter a mãe ou quem dele cuida como objeto de desejo, o ego também é seu objeto, seu ideal. Tal lugar privilegiado não se sustenta no desenvolvimento e deverá ser, mais tarde, na fase edípica, substituído pelo ideal do ego, mas é para essa instância de perfeição que a criança deseja voltar quando se sente ameaçada por críticas provenientes do mundo externo ou interno.

Conforme vai se afastando do narcisismo primário e a libido se desprende do ego e se fixa nos objetos, o ego do bebê vai amadurecendo e desenvolve-se o amor objetal. No entanto, afirma Freud: “Estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal” (FREUD, 1914/1974, p. 104). Ele ainda assinala, em texto posterior, que há uma retenção de um *quantum* de libido no ego:

Assim, na nossa concepção, o indivíduo progride do narcisismo para o amor objetal. Não cremos, porém, que *toda* a sua libido passe do ego para os objetos. Determinada quantidade de libido é sempre retida pelo ego; mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido, persiste determinada quantidade de narcisismo. O ego é um grande reservatório, do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual regressa, vinda dos objetos. A libido objetal era inicialmente libido do ego e pode ser outra vez convertida em tal. Para a completa sanidade, é essencial que a libido não perca essa mobilidade plena. (FREUD, 1917a, p. 173).

O narcisismo secundário é um retorno do narcisismo primitivo (FREUD, 1917b/1996), o retorno da libido ao ego, após identificações com os objetos. Nas

patologias narcísicas, isso se dá a um grau tal que não há, então, separação entre o eu e o outro.

3 As escolhas de objeto

A escolha objetal, na criança, dá-se após a fase do narcisismo primário. Mais tarde na vida, se a pessoa tende à escolha narcisista de objeto, ela entrará em relações amorosas levando a si própria como referência. Como explica Freud em *Teoria da Libido e do Narcisismo*, “o próprio ego da pessoa é substituído por um outro, que lhe é tão semelhante quanto possível” (FREUD, 1917b/1996, p. 427). Dessa maneira, amará “(a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma” (FREUD, 1914/1974, p. 107).

Para o autor, “a finalidade e satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado” (idem, *ibidem*, p. 116). Em outras palavras, é a revivescência da experiência passiva de ser amado pelos primeiros cuidadores, da experiência em que o olhar da mãe faz a pessoa se sentir viva e completa.

Já quando a pessoa ama no registro “anaclítico” ou “de ligação”, a mãe ou as pessoas que foram valiosas para o bebê, por terem satisfeito suas necessidades vitais, serão objetos da libido – e não o próprio sujeito (FREUD, 1917b/1996, p. 427). Então, a pessoa ama a mulher que a alimenta ou o homem que a protege (FREUD, 1914/1974, p. 107).

4 Na paixão

“As fantasias do início de uma relação apaixonada não concedem existência própria ao outro” (KHEL, 1987, p. 549).

Ao nos apaixonarmos, queremos reviver aquele estágio bom e paradisíaco da vida intrauterina ou dos primeiros meses de vida. Queremos, mais do que nunca, ter aquele “sentimento oceânico” de ser o mundo. Queremos a suspensão do que é desprazer, do conflito com um não-eu. Queremos nossa majestade restituída. Ao que parece, o ciclo pelo qual passamos até que nosso ego amadurecesse mediante frustrações recomeça.

De acordo com a psicanalista Maria Rita Kehl, na paixão amorosa, o outro torna-se:

Depósito das fantasias mais arcaicas, um representante da possibilidade de restauração do narcisismo ferido, um outro eu-mesmo que deseja as mesmas coisas que eu e me resgata para sempre da condição da falta em que me encontro (que é própria da condição humana) para me elevar à condição dos deuses: a recuperação da onipotência. (KHEL, 1987, p. 549).

A autora explica que Eros (pulsão de vida) e Thanatos (pulsão de morte) movem a vida em tensão dialética (idem, ibidem, p. 544). Tanto um como outro buscam um estado prazeroso. Para Thanatos, um tal estado é o vivido dentro do útero da mãe, quando o que havia era o repouso, a fusão perfeita com o corpo da mãe, a falta de necessidades. É um estado narcísico em que o amor ainda não se desenvolveu.

O recém-nascido, contudo, tem necessidades e fantasias e, para Kehl, elas estão sob o domínio das paixões em estado bruto, as quais seriam extremamente desprazerosas e danosas ao aparelho psíquico, não houvesse um mecanismo que controlasse a tensão, como fazem os adultos para a criança em situação ideal.

Eros, por sua vez, quer a fusão narcísica com o outro, um estado em que “o mundo desaparece, eu sou o mundo, o mundo é uma extensão de mim” (KHEL, 1987, p. 544) – tal qual ocorre na paixão. Essa ilusão se esvai no bebê quando ele percebe que o desejo da mãe se direciona para um terceiro, o pai ou outra instância. O filho, então, percebe-se incompleto. Lembro-me com exatidão as palavras de meu filho, quando tinha três anos, após ouvir um diálogo em que eu dizia que amava alguém “de paixão”. Disse ele, enfático: “Então, é disto que eu não gosto!”.

A mãe já é incompleta e, quando aceita isso, não permite que seu desejo se concentre todo na criança. Por isso, ela castra de maneira ótima a criança, tirando-a do Paraíso, em vez de torná-la seu falo. Do contrário, a mãe faria o filho reter o narcisismo primário intocado, dando motivo para a expressão plena da onipotência e à patologia. O pai seria enfraquecido, uma vez que não mereceria o desejo da mãe, e não poderia conter essa onipotência. Em vez de um introdutor das possibilidades da cultura e do amor, seria, para o filho, um inimigo aterrador ou desprezível. (Também a castração extrema, como nos casos de abandono e falta de amor, tem consequências desastrosas, levando a libido infantil a encerrar-se em si mesma, embotando Eros, conforme assinala a autora).

Nas paixões da vida adulta, queremos ser completados. O desejo do outro só pode ser idêntico a meu próprio desejo, pois somos um. Assim descreveu Freud: “Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato” (FREUD, 1930/1987, p.83). Temos a ilusão de ter encontrado, no outro, o Paraíso do qual fomos expulsos, e também o falo perdido.

Iludida sobre a posse do falo, a pessoa apaixonada sentir-se-á mais poderosa. A onipotência narcísica, velha conhecida, poderá conceder-lhe coragem para empreender mudanças e aceitar oportunidades que, de outro modo, não abraçaria.

Esse foi o caso de uma de minhas analisandas, de cerca de 30 anos. Ainda que “casada” com o trabalho que dela exigia muito, mas do qual extraía sua identidade, apaixonou-se. Menos de três meses após conhecer o “homem de sua vida”, tomou grandes e corajosas decisões: deixou o trabalho, mudou-se de São Paulo para Cuiabá, abandonou a carreira de executiva e casou-se com ele. Após um ano e meio, voltou a me procurar. Havia se separado, voltado a morar em São Paulo e queixava-se tanto da outra cidade como do fato de aquele homem não ser tudo o que esperava. Retomou sua carreira em *status* um pouco abaixo do que já alcançara e recriminava-se pelas decisões que tinha tomado movida pela urgência da paixão. Ainda assim, culpava o ex-marido por não ser quem ela imaginava que seria.

Para o sujeito apaixonado, o outro sempre é quem ele imagina, o que ele quer e precisa que seja. Como o outro é ainda pouco conhecido, o sujeito preenche, narcisicamente, as lacunas do desconhecido com aspectos dele mesmo. O sujeito não vê verdadeiramente o objeto e ele, se também apaixonado, não vê o sujeito.

A paixão oferece um espelho às pessoas. Elas passam a ver, no outro, o reflexo de seus desejos mais profundos. Os relatos na clínica são diversos e parecidos com o que uma paciente me disse no início de um relacionamento: “Nós combinamos em tudo, temos os mesmos gostos! Como podem duas pessoas serem tão parecidas?”. Meses mais tarde, queixou-se: “Estou desanimada. Não sei se vamos conseguir conciliar as diferenças entre nós...”.

Com o esmaecer da paixão, logo virão as frustrações, e o sujeito apaixonado quererá proteger-se. Não quer estar à mercê do outro como alguém separado dele,

fonte de desprazer. Deseja ser espelhado constantemente para que, no olhar da pessoa amada, possa existir plenamente.

Em uma relação significativa, o outro ameaça o eu. No filme *Entre Dois Amores* (*Out of Africa*, 1985), a personagem de Robert Redford diz à de Meryl Streep, seu par romântico, que muitas mulheres o haviam dado prazer, mas que somente ela o fazia sofrer. Somente ela era significativa, portanto. Paixão é sofrimento, como a própria origem grega da palavra denota, *pathos*.

A frustração de o outro não ser um espelho traz a ambivalência de toda relação amorosa: amor e ódio andam lado a lado, como o bebê já pôde constatar um dia, quando a mãe demorou a chegar com o seio. Kehl assinala outros aspectos desestabilizadores do eu na paixão:

Só que esta disposição permanente em produzir e sustentar a beleza para o outro e, o que é mais difícil, deixar-se afetar permanentemente pelo "bom objeto" que o outro representa, sem, no entanto, tentar possui-lo - desfazer sua alteridade - exige um trabalho cansativo e desestabilizador. Vai contra todas as tendências defensivas da "fortaleza narcísica" do eu. Por isso, tão logo o amor se instala, trabalhamos pela posse do amado, tentando com isto reverter a precariedade de estar à mercê do desejo do outro. (KHEL, 1998-1999, p. 49).

A paixão começa no topo da idealização de ambas as partes, e da busca por ser idealizado, e depois, necessariamente, tem de descer. Em algum momento, acontecerá o confronto entre o que o sujeito apaixonado tem como representação do outro e o que o outro é de fato. Os casais, então, podem entrar em crise, e a paixão acaba ou se transforma. Pode, inclusive, evoluir para o se pode considerar amor.

Na clínica, observo o movimento de um casal que, tendo ambos passados dos 60 anos, já avós, tentam ainda conciliar diferenças, evidenciando que já não esperam que o outro seja aquele que garantirá a completude que buscavam quatro décadas

antes, quando se conheceram. O que eles buscam é uma maneira melhor de viver juntos a velhice, apesar do grau de desidealização um do outro que alcançaram.

Referências

BLEICHMAR, H. **O Narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática do inconsciente**. 2. ed. Tradução de Emília de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

Entre Dois Amores (*Out of Africa*). Direção: Sidney Pollack. Produção: Kim Jorgensen e Sidney Pollack. Universal Studios, Estados Unidos, 1985.

FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1917a). “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise”. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1917b). “A teoria da libido e o narcisismo” (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923). “O eu e o id”. In: **O Eu e o Id, Autobiografia e Outros Textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas, v.16).

_____. (1930). **O mal-estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

KHEL, M.R. “A psicanálise e o domínio das paixões”. In: **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 469-496. (org. Aduauto Novaes).

KHEL, M.R. “Ética e paixão”. **Revista Psicanálise e Universidade**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 9 e 10, jul-dez/1998 e jan-jun/1999, p. 49-61.